

Conheça os vencedores da 3ª edição do Concurso Cultural

Tinta guache, lápis de cor, pincéis, giz de cera e origamis deram cores e formas aos desenhos no papel. As sombras, águas, flores e animais foram captados nas fotografias. E assim, com criatividade e originalidade, foram feitos os trabalhos artísticos de crianças e adultos que participaram do Concurso Cultural "Orgulho de crescer com a natureza à nossa volta" da MRN. Mais de 170 trabalhos foram inscritos nesta 3ª edição do Concurso e deram visibilidade às experiências interativas de cuidado e atenção ao meio ambiente, entre o homem e a natureza. No total, nove vencedores.



Eduan Miguel, 3º lugar categoria Desenho II

“Sempre que saímos para passear, ele vai observando cada detalhe. Essa foi a inspiração dele para o desenho.”

Brícia Sarubbi, mãe do Eduan Surubbi, morador do Ajudante

Desenho

O primeiro e o segundo lugares da categoria Desenho II (8 a 15 anos) foram dos irmãos Natália, de 14 anos, e Heitor Sampaio, de 15 anos. “A Natália desenha desde pequena. A inspiração dela veio de uma castanheira que tinha perto da nossa antiga casa, e é muito grande. Ela quis mostrar a visão que tínhamos todos os dias dos nossos trajetos na comunidade, com o rio, o navio e as canoas”, contou

a mãe Sâmea Monteiro. “Já o Heitor sempre gostou de desenhar e inovar com misturas. O EcoPonto e as novas lixeiras espalhadas pela cidade serviram como inspiração para ele. Os desenhos, origamis, colagem, isso tudo, ajuda ele no seu desenvolvimento e interação com as pessoas e o meio. Ele é disléxico e tem Distúrbios Auditivo Grau Severo (DPAC). Desenhar é a forma dele se expressar”, disse a mãe Sâmea, bastante emocionada, com os dois filhos vencedores.

Natália Sampaio - 1º lugar categoria Desenho II



Jessiane Nogueira - 1º lugar categoria Fotografia



Fotografia

O primeiro lugar da categoria foi para a bióloga Jessiane Nogueira, que trabalha na empresa Biota, consultoria ambiental da MRN. A foto "A beleza da natureza está nos detalhes" mostra uma cobra da espécie *Corallus caninus*. “O animal, conhecido como periquitamboa, é uma das raras espécies do gênero *Corallus*, da Amazônia. Não é peçonhenta e pode ser considerada uma das serpentes mais lindas da Amazônia”, disse. “Como sou uma bióloga, que ama a natureza e gosta de serpentes, não poderia deixar de fotografar. Estou muito feliz de participar de um concurso que destaca a importância da natureza e o respeito ao meio ambiente”, complementou a participante.

Leonardo Guerreiro - 2º lugar categoria Fotografia



Bauxita que nos conecta ao mundo sustentável



Os finais de semana da Mariene Jesus, da comunidade Jamari, são aguardados com alegria por sua família. Os cheiros dos pratos regionais, feitos com dedicação nas panelas de alumínio, exalam pela cozinha. “Testamos os temperos nas receitas regionais. Minha comida favorita é peixe ao molho branco, pescado por nós. Também gostamos de comidas com castanha e farofa de mandioca torrada. Adoro cozinhar junto com a minha família”, conta.

Cozinhar é uma das linguagens de amor entre Mariene, os filhos e o marido. Manter uma coleção de panelas, compartilhada por todos, faz parte desse sentimento. “Guardo com carinho minhas louças e gosto muito de pôr na mesa, com pratos, panelas e tigelas decoradas. É um momento de união”, acrescenta. O seu apego pelos utensílios de alumínio vai além do uso do produto. Traduz a importância que a matéria-prima traz para o dia a dia da Mariene e de milhões de pessoas, em todo o mundo.

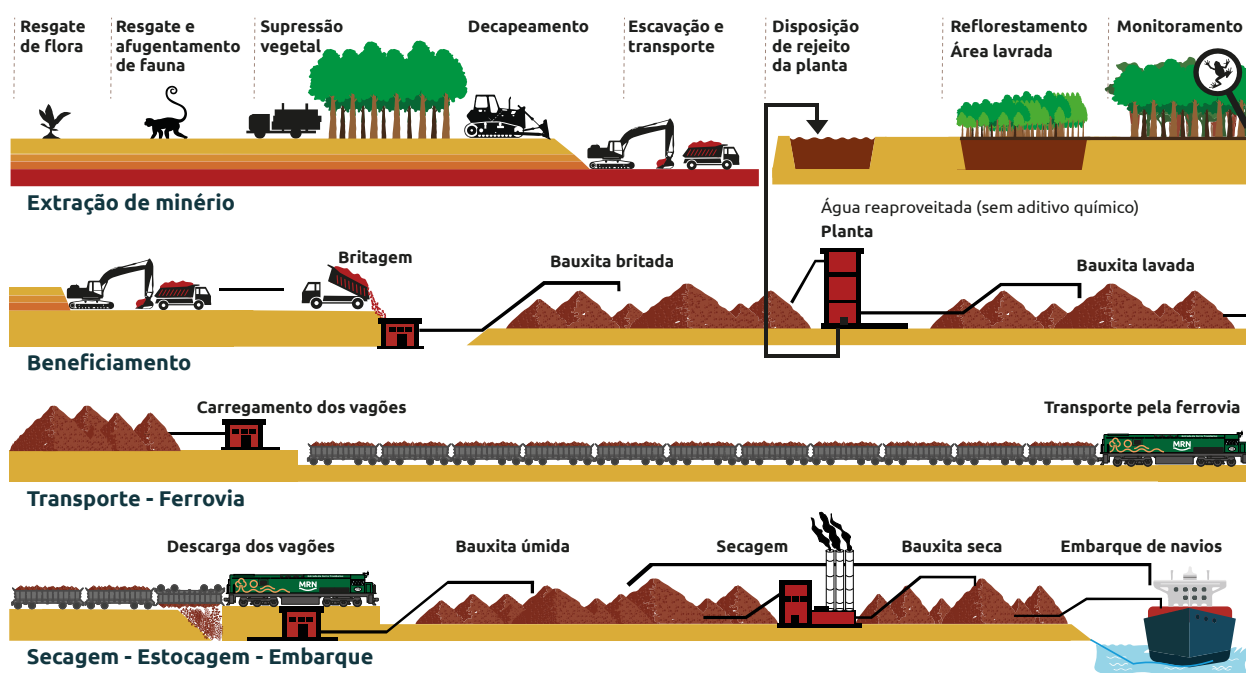
A bauxita, minério produzido pela MRN, é a matéria-prima para a produção de alumínio, um metal essencial para a humanidade, que para chegar até a casa da Mariene e a nossa, passa por diversos processos. O alumínio não é encontrado no solo em estado metálico. O processo de mineração da bauxita passa por algumas etapas, que visam conciliar o seu potencial econômico com as exigências legais e ambientais da operação. Essas etapas fazem parte de uma mineração responsável e sustentável em plena Amazônia.



“Guardo com carinho minhas louças e gosto muito de pôr na mesa, com pratos, panelas e tigelas decoradas. É um momento de união.”

Mariene Jesus, da comunidade do Jamari

CONHEÇA NOSSA OPERAÇÃO



Tudo começa com o resgate de animais e plantas existentes no local, que posteriormente são direcionados a outras áreas na natureza. Em seguida, para se chegar na bauxita, é necessário fazer o decapeamento, que é a retirada das camadas de solo que estão em cima do minério. A bauxita é transportada até o britador, para ser transformada em partes menores e segue para o beneficiamento onde é

lavada sem o uso de produtos químicos, apenas com água, antes de ser levada de trem para o navio. Cerca de 80% da água da lavagem da bauxita é reaproveitada pela MRN. O rejeito, solo e água que sobrou da lavagem, vai para os reservatórios de disposição. Quando os reservatórios são desativados, passam por adequações, são reflorestados, monitorados e devolvidos ao meio ambiente.

Garrafas PET: uma alternativa sustentável na construção de tanques de peixes

Enche de ar com a bomba, fecha, aperta, junta e coloca uma garrafa ao lado da outra, até o tanque ganhar forma. “É assim que a gente faz, e depois, joga ele na água para encher de peixes”, diz empolgada Maria Mota na construção de mais um tanque. Conhecida como dona Zuma, ela vive na comunidade Bacabal e participa do Projeto de Apoio à Piscicultura junto com os filhos e o esposo.

A forma sustentável de fazer os viveiros flutuarem sobre a água, consiste em substituir as bombonas pelas garrafas PET de dois litros, material de fácil acesso e que é recolhido nas coletas de lixo urbano em Porto Trombetas, pela Central de Tratamento de Resíduos Urbanos (CTR) da MRN. Foi com o objetivo de promover práticas mais sustentáveis na criação de peixes nas comunidades localizadas no médio Trombetas, que surgiu a ideia.

“Além de gerar renda, diminuir os custos na construção de reservatórios de peixes e conscientizar quanto ao reaproveitamento das garrafas, também promovemos educação ambiental sobre o descarte correto do resíduo e capacitação para ensiná-los a usar o material com segurança na fabricação dos tanques”, destacou Nivaldo Silva, analista ambiental da MRN.

A equipe técnica do Grupo de Pesquisa em Fisiologia Ambiental (GPFA), da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), elaborou um equipamento, que enche as garrafas, com materiais reutilizáveis - uso de câmara de ar de pneus de bicicleta e bomba de ar. “Assim, é possível dar maior capacidade de flutuação aos tanques”, explicou Miguel Canto, técnico em Aquicultura da UFOPA e consultor do projeto.

Francisca Gomes, da comunidade Acapuzinho, conhecida como Vovó Chiquinha, vê no projeto uma forma de cuidado com o meio ambiente. “Muitas pessoas jogam as garrafas fora, às vezes de forma incorreta, poluindo o meio ambiente. Com essa ideia, elas estão sendo úteis para a comunidade e ainda diminui os nossos custos”, disse.



- Para construção de cada tanque, são necessárias, em média, de 500 a 1.000 garrafas PET, dependendo da estrutura do viveiro.
- O equipamento para encher as garrafas é feito com materiais reutilizáveis - uso de câmara de ar de pneus de bicicleta e bomba de ar.
- O projeto promove uma sensibilização nas comunidades sobre a coleta correta de lixo, separação, formas de higienização e descarte das garrafas.
- Com a substituição das bombonas plásticas pelas garrafas PET, há uma economia de cerca de R\$ 35 mil que é redirecionada para projetos sociais nas comunidades.

“**É muito bom ter a doação das garrafas, e com a ajuda da tecnologia deles e a nossa experiência, podemos fazer uma troca de saberes.**”

Vovó Chiquinha

Criação de abelhas nativas contribui para a preservação da natureza



Juaruna, Alema e Urubutinga, comunidades rurais localizadas em Terra Santa, possuem uma alternativa à agricultura familiar, que tem movimentado a renda da região há mais de 20 anos: o Projeto de Apoio à Meliponicultura, conduzido pela MRN em parceria com a Secretaria Municipal de Agricultura. A criação de abelhas nativas contribui para a preservação da natureza no município e tem sido o projeto de investimento para o futuro da família do Renan Almeida Godinho, 36 anos, que vive na comunidade Alema.

“Além de vender o mel, produzido a partir da criação das abelhas, já criei embalagens e rótulos. Tem sido uma alternativa para complementar nossa renda e pretendo que seja futuramente a atividade principal do nosso sítio. Aprendemos a multiplicar as

caixas para aumentar a produtividade e alcançar esse objetivo”, afirma o meliponicultor, que já participa do projeto há três anos.

A iniciativa, que é parte do Programa de Educação Socioambiental (PES), estimula a renda de 20 famílias envolvidas com a produção e a venda do mel. O projeto viabiliza ainda educação ambiental e orientações sobre o manuseio das espécies de abelhas nativas. E conta com palestras, treinamentos, visitas técnicas aos meliponários e entrega de equipamentos, que fazem parte da assistência fornecida aos produtores.

“Os meliponicultores também conseguem ampliar o seu lucro, por meio dos seus meliponários, com a construção de novas caixas para a propriedade e para venda e, alguns já fazem o trabalho de multiplicadores ensinando outros comunitários

e ampliando a ideia em outros locais. As abelhas sem ferrão servem para polinização do meio e aumentam a produção de frutos, que além de serem consumidos pelos comunitários, podem ser vendidos ou usados na produção de doces, bolos e sobremesas”, pontua Genilda Cunha, analista de Relações Comunitárias e coordenadora do projeto pela MRN.

A atividade ainda contribui para promoção da sustentabilidade na região. “Os insetos são fundamentais para a preservação das espécies e para fomentar pesquisas. Na região, a comunidade é orientada à criação de abelhas nativas, pensando também na adaptação das espécies”, explica Cristina Leite, secretária de Agricultura de Terra Santa.

As abelhas são muito importantes do ponto de vista da sustentabilidade, para o equilíbrio biológico dos biomas e a propagação de diversos tipos de vegetação.

Cristina Leite

